

## **UMA PRAIA NAS ALTEROSAS: FORMAS DE SER DA CONTESTAÇÃO SOCIAL JUVENIL EM BELO HORIZONTE**

Igor Thiago Moreira Oliveira – UFMG

Juarez Tarcísio Dayrell – UFMG

Em dezembro de 2009, o então prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, assinou um polêmico decreto proibindo eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. Localizada na região central da cidade, a Praça da Estação é um espaço público de referência onde se realizam manifestações políticas, culturais e populares em Belo Horizonte. Organizado e mobilizado em rede através de uma lista de discussão e um blog na Internet — ambos intitulados como “Praça Livre” - o *Movimento Praia da Estação* surge, então, como uma iniciativa coletiva de questionamento do decreto baixado pelo prefeito, bem como ocupação política/cultural da praça da Estação. Vestidos com trajes de banho e portando pranchas de surf, esteiras, guarda-sol, caixas de isopor, bronzeadores, numa cidade não-banhada pelo mar, os jovens trouxeram a cena pública o debate sobre o uso e apropriação dos espaços públicos da cidade e sobre os próprios rumos do desenvolvimento da urbe, ao mesmo tempo em que ensejaram novas formas de ação coletiva e participação social no cenário urbano.

O que esta referida movimentação pode nos revelar acerca das características e formas de ser das movimentações sociais contemporâneas protagonizadas por jovens? Quais foram as questões e conteúdos contestatórios que os jovens participantes da Praia da Estação trouxeram para debate público em Belo Horizonte? Nesse artigo, procuraremos nos acercar dessas questões a partir de uma pesquisa realizada sobre os coletivos juvenis de contestação social na cidade de Belo Horizonte. Nosso objetivo com essa investigação foi, dentre outros, compreender as formas de ser das movimentações contemporâneas de contestação social protagonizadas por jovens, perceber suas principais características, sua malha constitutiva, sua forma de ser, suas motivações, contestações e críticas. Ou seja, procuramos perceber o que as ações coletivas juvenis podem nos dizer e indicar a respeito de tendências e características das movimentações sociais na contemporaneidade de maneira geral.

A investigação foi realizada através de observações da movimentação, imersão no blog e na lista de e-mails Praça Livre BH, da imersão em diversos outros ambientes virtuais em que apareciam (e ainda aparecem) a Praia da Estação. Realizamos, ainda, sete entrevistas com jovens que participaram da Praia da Estação. Foram entrevistados sete jovens participantes da Praia da Estação com variação etária, sendo cinco homens e

duas mulheres. As entrevistas serviram para o aprofundamento de questões a respeito da Praia da Estação — história da movimentação, conflitos internos, motivações, aprendizados, dentre outras.

### **Um breve histórico da Praia da Estação**

A 9 de dezembro de 2009, o prefeito de Belo Horizonte Márcio Lacerda publica o polêmico Decreto 13.798 proibindo eventos de qualquer natureza na praça da Estação, a contar do dia primeiro de janeiro de 2010.

O mesmo decreto justificava a proibição de eventos na referida praça alegando a dificuldade, por parte do poder público municipal, de limitar o número de pessoas em eventos que eram realizados no local, bem como garantir a preservação do patrimônio público que, ainda segundo o decreto, vinha sendo depredado em decorrência dos últimos eventos ocorridos naquele local. Tal ação por parte da prefeitura, e especialmente a utilização da palavra *proibição* no referido decreto, representou o estopim da movimentação que, um mês depois, se transformaria na Praia da Estação.

Quatro dias após a publicação do decreto, surgiu uma primeira iniciativa de reação ao mesmo através da internet com a criação de um blog.

O blog *Vá de Branco* continha em sua primeira postagem quatro flyers com um chamado para um “protesto em prol da cultura na praça da estação” a ser realizado no dia 7 de janeiro de 2010. Concomitante à criação do blog, outros sítios e blogs divulgaram o chamado,<sup>1</sup> e e-mails foram disparados para determinadas pessoas, comunicando a respeito do protesto contra o decreto e contendo links de acesso ao blog *Vá de Branco*.<sup>2</sup> Segundo relato publicado no blog *Pedreira na Vidraça* no dia 7 de janeiro de 2010, cerca de 50 pessoas responderam ao chamado do *Vá de Branco* e compareceram à Praça da Estação a fim de realizarem o protesto.

Naquele momento, segundo o mesmo relato, os presentes deliberaram por constituir um movimento apartidário em prol da cultura belorizontina, assim como se discutiu sobre questões e processos vivenciados pela cidade, como, por exemplo, a

---

<sup>1</sup> Referimo-nos ao blog *Pedreira na Vidraça*, disponível em <http://pedreiranavidraca.blogspot.com/2009/12/va-de-branco.html> — que publicou um chamado para o *Vá de Branco* no dia 16/12/2009 — e aos sítios *Centro de Mídia Independente – Brasil* (<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2009/12/460996.shtml>) e *Cidade Democrática* .....(<http://www.cidadedemocratica.org.br/topico/543-proibicao-de-eventos-na-praca-da-estacao>), que publicaram chamados para esse mesmo ato, o primeiro como artigo e o segundo como resposta a uma postagem sobre o decreto, respectivamente nos dias 15/12/2009 e 05/01/2010.

<sup>2</sup> O blog *Vá de Branco* está disponível em <http://vadebranco.blogspot.com/>.

questão da gentrificação<sup>3</sup> de “limpeza social” do Centro de Belo Horizonte visando a preparação para a Copa do Mundo de 2014.

Unidos estavam ali os indivíduos e grupos pelo chamado de protesto. Uma senda de contestação sobre os rumos da cidade se abriu com esse encontro. Tudo estava incerto e por acontecer. Um novo encontro entre esses grupos e indivíduos para definição de ações futuras foi marcado para acontecer quinze dias após esse primeiro protesto.

No entanto, outro chamado inesperado circulou na Internet alterando esse planejamento inicial e abrindo a possibilidade para que acontecesse a Praia da Estação. Antes mesmo que acontecesse a segunda reunião do *Vá de Branco* que daria seqüência ao protesto contra o decreto foi postado um chamado no dia 13 de janeiro de 2010 no site CMI-Brasil<sup>4</sup>, um chamado também anônimo, para a realização de uma ação de ocupação da praça da Estação que alteraria o rumo das ações até então planejadas no protesto *Vá de Branco*. Esse chamado indicava a realização do que seria a primeira Praia da Estação. Intitulado como *Praia na Praça da Estação*, o chamado foi disparado em listas de e-mails militantes e ativistas, em blogs e sites. Surgia então a Praia da Estação.

A primeira Praia da Estação ocorreu em 16 de janeiro de 2010. A ocupação lúdico-festiva da praça da Estação ou o protesto-festa contra o decreto 13.798 ocorreu na esteira do chamado que circulou pela Internet.

Aí teve a primeira praia uma semana depois desse *Vá de Branco*. Essa primeira praia tipo ... apareceu muita gente mesmo, foi coisa de centenas de pessoas, teve gente que contou no informal, talvez a aparição de umas trezentas pessoas. E aí teve duas coisas marcantes assim, que foi a possibilidade de um encontro muito festivo né...? e mesmo assim no meio da festa foi possível tipo juntar uma roda de conversa, coletar contato das pessoas e retomar o tema do que é que estava acontecendo, o que que levava uma proibição tão... brusca assim, tão fria né... sem consulta nenhuma, a estar ali caindo sobre um dos símbolos, vamo dizer né? Eu acho que o que tenha reunido tantas pessoas é a simbologia que a praça carrega, talvez... a localidade dela no centro da cidade (NÔMADE. Belo Horizonte, 02/05/2011. Entrevista concedida ao pesquisador.)

Ao dizer sobre a quantidade de pessoas presentes, Nômade já nos traz apontamentos de que os chamados e textos que circularam pelos e-mails, blogs e sites, enquanto forma de mobilização e informação, surtiram efeito. As razões que o

---

<sup>3</sup> Do inglês *gentrification* – enobrecimento de uma área da cidade, expressão muito utilizada pelos jovens ativistas.

<sup>4</sup> <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/01/462799.shtml> - Acesso em 03/07/2011.

entrevistado indica para a reunião de um número expressivo de pessoas, segundo ele, têm a ver com o apelo afetivo que a Praça da Estação e o decreto que a envolvia, enquanto símbolos das manifestações públicas na cidade, exerceu sobre aqueles primeiros participantes da Praia da Estação. A forma do chamado e da mobilização, anônima e sem lideranças, indicou o caráter de horizontalidade e fluidez organizativa que a Praia da Estação assumiu.

(...) a praça serviria como esse espaço de convivência, de manifestação, de circulação, de encontro, então, a praça era nossa praia e o que o decreto estava fazendo era justamente isso, estava cerceando o direito dos cidadãos, das pessoas da cidade, desse encontro, da livre manifestação, da livre circulação, da livre experimentação, enfim, tirando das mãos da população um espaço que era dela por direito né? (...) e essa coisa da praia pegou né? Porque era uma ocupação efetiva do espaço público que legalmente estava proibido de ser ocupado. E foi ocupado de uma forma lúdica, através de uma intervenção urbana, de forma artística e pacífica de alguma maneira, e com todo esse caráter simbólico, político em torno, é... aí aconteceu que pegou, pegou, no dia da primeira praia se esperava a movimentação, a convocação aconteceu basicamente através de e-mail, dessas ferramentas na internet e no boca a boca, claro, e apareceu um número expressivo de pessoas nessa primeira praia (BARROS, Rafael. Belo Horizonte, 20/06/2011. Entrevista concedida ao pesquisador.)

Rafael Barros também nos revela as razões da movimentação ressaltando a dimensão de ocupação de um espaço público cujo direito de usufruto pelos cidadãos foi violado pelo decreto do prefeito, segundo os participantes da Praia da Estação. Nesse mesmo relato, o entrevistado chama a atenção ainda para o número expressivo de pessoas presentes na primeira Praia da Estação e da Internet como meio principal de divulgação e mobilização para a mesma.

A primeira Praia da Estação marcou uma ocupação lúdico-carnavalesca da praça, das muitas que ainda viriam acontecer por, pelo menos, mais seis meses, onde os jovens puderam desfilar sua irreverência, ironias, protestos e contestações contra o decreto, o executivo municipal e os rumos de desenvolvimento da cidade. Trajes de banho, sombrinhas (uma delas, colorida, viraria o símbolo da Praia da Estação), guarda-sóis, caixas de isopor, cangas, toalhas de banho, bóias, cadeiras de praia, protetores solares, peteca, bola, adereços carnavalescos, faixas, cartazes, manequim com a foto do prefeito, músicas, instrumentos musicais e até um caminhão-pipa compuseram o cenário da primeira “Praia” e delinearão a natureza estética e simbólica daquele protesto.

Nada fora organizado coletivamente de forma antecipada. Apenas o chamado na internet parece ter impulsionado jovens, grupos e indivíduos, cada qual com sua forma e

de seu jeito, a comporem aquele mosaico de ativismo, encontro, festa e protesto. Os indivíduos, por conta própria, levaram toda parafernália para a Praça da Estação, bem como, por conta própria, confeccionaram faixas, cartazes, compuseram músicas, fizeram vídeos, flyers e toda a sorte do que poderíamos chamar de artefatos culturais do dissenso.

Após esses primeiros acontecimentos, por mais seis meses ininterruptos no ano de 2010, ou seja, de janeiro a meados de junho daquele ano, os jovens protagonizaram a ocupação praieira da Praça da Estação em Belo Horizonte trazendo o questionamento sobre o autoritário decreto estabelecido pela prefeitura a respeito do uso daquele espaço público bem como sobre questões ligadas ao desenvolvimento e produção da cidade de maneira geral.

Após esse período inicial em 2010 o que percebemos acompanhando a cena na cidade, foi que a movimentação não “morreu na Praia”. Pelo contrário, a experiência da movimentação praieira foi ponto de partida direto e indireto para o surgimento de novos agenciamentos coletivos e movimentações. A Praia da Estação iria reaparecer, inclusive, em outros contextos e situações: outras movimentações e agenciamentos se apropriaram do formato praieiro para conformar suas ações e ocupar espaços públicos, dando visibilidade a suas contestações e questionamentos. O blog e a lista de e-mails Praça Livre BH, mais o blog do que a lista continuaram sendo utilizados ativamente como “antena parabólica”, meio de comunicação entre os ativistas e forma de tornar visíveis questões relacionadas à cidade e ao poder municipal.

A oposição a atual administração municipal por parte da sociedade civil, tornada visível com a Praia da Estação, ganhou contornos ainda mais nítidos com o surgimento, em junho de 2011, do movimento contra o prefeito Márcio Lacerda, o *Movimento Fora Lacerda*. Tal movimento teve uma importância significativa no debate eleitoral municipal no ano de 2012 sendo reconhecido como uma das principais forças de oposição política em Belo Horizonte à reeleição do atual prefeito.

Outra influência direta da Praia da Estação foi o ressurgimento do carnaval de rua em Belo Horizonte. Após a aparição do *bloco da Praia*, que saiu no carnaval de 2010 na cidade, surgiram progressivamente nos anos subsequentes, 2011 e 2012, uma infinidade de novos blocos carnavalescos protagonizados por jovens e não-jovens que, de algum modo, transitaram pela Praia da Estação. Em 2012, Belo Horizonte certamente vivenciou um carnaval de rua como há muitos anos não acontecia. Marchinhas de

carnaval com letras irreverentes que ironizavam e debochavam do poder e dos costumes da “tradicional família mineira” foram compostas aos montes.

A solidariedade com movimentos sociais, ou até mesmo a conformação de uma rede de solidariedade ativista em Belo Horizonte, parece ter se fortalecido após a experiência praieira. As mobilizações dos jovens ativistas contra o desalojamento de famílias sem-teto ocupantes de terrenos na cidade são uma das expressões mais visíveis desses laços de solidariedade entre os ativistas que transitam pelas movimentações sociais em Belo Horizonte.

Entendemos que a compreensão das características e das formas de ser desta referida movimentação social protagonizada por jovens exige que estabeleçamos conexões com o contexto mais amplo da contestação social contemporânea e com estudos e autores que apontam para tendências e aspectos mais gerais sobre estes fenômenos que envolvem os ativismos e culturas juvenis.

### **Mundialização do capital, culturas juvenis e contestações sociais juvenis na contemporaneidade**

Ao vislumbrarmos, de qualquer ângulo, o processo de globalização atual, podemos perceber as tensões, contradições e complexidades que o período histórico da expansão sem limites do capital coloca para as configurações societárias contemporâneas. Podemos perceber as mutações provocadas pela etapa histórica contemporânea que aponta para novas dimensões configuradoras das formas de ser e existir no planeta, tanto em vista dos processos de individuação como das movimentações sociais.

(...) olhemos para o mundo real que habitamos, para facear a nós mesmos, mas em nossa configuração concreta de individualidades postas e expostas, moventes e movidas de uma história que está desembocando na universalização de um modo de ser e existir. É evidente que estou apontando para o processo de globalização. Somos, queiramos ou não, saibamos ou não, gostemos ou não, os homens desse processo, agentes e pacientes, beneficiários ou vítimas, somos e não podemos deixar de ser a humanidade presente no momento em que a lógica do capital cumpre sua lei mais essencial e imanente, cobrindo o planeta com sua face e com suas formas de vida, de um lado rebrilhante, doutro, para dizer o mínimo, inquietante. (CHASIN, J. Poder e Miséria. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 out. 2000. Caderno Pensar, p.2.)

A partir das reflexões de Chasin, podemos perceber que as movimentações antiglobalização revelam, dão visibilidade, questionam e se insurgem contra o que o

autor chama de a “face” no mínimo “inquietante” do processo de globalização contemporâneo.

A questão é que esse mesmo processo permeado de tensões e contradições possui, nas palavras de Chasin, uma outra face “rebrilhante”, face essa que pode ser entendida como responsável pelo desenvolvimento dos meios materiais e de vida — inclusive a globalização das comunicações — que, de certa forma, conformam a existência das próprias movimentações e de seu questionamento. Ambas as “faces”, “a rebrilhante” e a “inquietante” da globalização, conformam em permanente tensão as novas formas das culturas juvenis e conseqüentemente das movimentações sociais protagonizadas por jovens. No nosso modo de entender, a questão a se pensar é justamente perceber que o processo de globalização do capital oferece o mote para o surgimento de movimentos de contestação a suas dinâmicas, como oferece também as bases materiais e subjetivas da existência desses mesmos movimentos. E ainda: esse mesmo processo de globalização pode ser lido como o responsável pelo surgimento de culturas globais, de formas de interação e comunicação humanas globais etc.

Nesse sentido, podemos afirmar que o mesmo processo de globalização, questionado e contestado pelos jovens por ampliar e aprofundar as relações capitalistas em todo o mundo, permite também, por outro lado, a existência de trocas simbólicas e de informação que delinea as culturas juvenis contemporâneas e, como conseqüência, a relação dessas culturas,<sup>5</sup> que é o que nos interessa compreender ao abordarmos o cenário mais amplo de contestação global. O movimento antiglobalização, ou a “globalização da resistência”, possui sua razão de ser e existência na própria dinâmica do processo de globalização capitalista. Daí os movimentos dizerem que “nossa resistência será tão global como é o capitalismo” (CHRISPINIANO, 2002, p.18). Esse processo de mundialização da resistência encontra ressonância nos processos globais de formação das culturas humanas, e especificamente das culturas juvenis. Feixa (1998) define as culturas juvenis em duas dimensões, uma mais ampla e outra mais restrita:

En un sentido amplio, las culturas juveniles se refieren a la manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre, o en espacios intersticiales de la vida institucional. En un sentido más restringido, definen la aparición de ‘microsociedades juveniles’, con grados significativos de autonomía

---

<sup>5</sup> Feixa (1999) define as culturas juvenis em relação a formas de expressão coletivas que definem estilos de vida. Poderíamos pensar em “culturas juvenis ativistas” como sendo aquelas em que os estilos de vida ou os modos coletivos de expressão têm relação com questionamentos da ordem social por parte dos jovens.

respecto de las “instituciones adultas”, que se dotan de espacios y tiempos específicos (...). Su expresión mas visible son um conjunto de estilos juveniles ‘espetaculares’, aunque sus efectos se dejan sentir em amplias capas de la juventud (FEIXA, 1998, p.84).

Ao concordarmos com Feixa que em um sentido mais amplo as culturas juvenis implicam a construção de estilos de vida conectados a experiências sociais dos jovens, e que, em sentido mais restrito, as culturas juvenis têm a ver com a constituição de “micro-sociedades juvenis”, autônomas das instituições e lógicas do mundo chamado “adulto”, podemos refletir sobre esses processos de construção das culturas juvenis em um período histórico como o da globalização contemporânea, marcado pela intensa interação, comunicação e fluxos informacionais. A relação entre culturas juvenis e globalização é assim analisada por Costa: “(...) o estudo e a pesquisa das culturas juvenis são inseparáveis da análise dos processos ligados tanto à globalização da cultura, quanto à produção do imaginário, à circulação e à produção de localidades”. E ainda: “Em Appadurai (1999), uma das marcas do processo de globalização é que vivemos em um mundo de fluxos caracterizado por objetos em movimento, os quais incluem idéias e ideologias, pessoas, bens, imagens, mensagens, tecnologias e técnicas.” (COSTA, 2006, p.11)

Costa (Ibidem) nos diz também a respeito do lugar do imaginário na produção das subjetividades e na produção das *formas de ser jovem* no mundo contemporâneo. Esse imaginário juvenil, marcado pelos processos dinâmicos de intercâmbio cultural e simbólico propiciados pela globalização, aponta para tendências de conformação das culturas juvenis referenciadas e constituídas por processos de intercâmbio cada vez mais globais e com grande influência na produção dessas mesmas culturas nas localidades onde é seu efetivo território de atuação.

A partir do tema da resistência juvenil contemporânea, Freire Filho (2007, 2008) articula um balanço crítico dos estudos sobre juventude e estudos culturais, de Birmingham aos dias de hoje, para analisar os significados da insurgência dos jovens contemporâneos, especificamente daqueles engajados num dos coletivos mais destacados nas jornadas contemporâneas de contestação social e na conformação da AGP, o *Reclaim the Streets – RTS*, de Londres.

Na análise dos grupos contestadores juvenis contemporâneos, Freire Filho (2007:177) aborda as diferenças entre esses e aqueles analisados pelos Estudos



Culturais britânicos nos anos 1960 e 1970.<sup>6</sup> Se nos grupos analisados pelo Centre Contemporary of Cultural Studies (CCCS)<sup>7</sup> — *Teds, Mods, Skinheads* — o cerne da resistência juvenil marcava a dimensão cultural — ou melhor: marcava a disputa simbólica, a “guerrilha semiológica” contra os dispositivos culturais hegemônicos — na contemporaneidade a questão da resistência passa também pela disputa política direta, pela prática cotidiana da contestação no olho das ruas. O autor afirma que os movimentos contemporâneos anticapitalistas, antiglobalização ou anti-corporações protagonizados por jovens a partir do final dos anos 90 trazem a dimensão dos questionamentos macropolíticos para os movimentos juvenis. Ao invés de somente se conformarem em torno de questões identitárias, culturais e/ou micropolíticas, os jovens protagonistas de certa “cena contestatória contemporânea” parecem direcionar sua contestação em direção a aspectos sociais mais amplos e gerais.

Ao estudar a juventude contestadora contemporânea, Sousa (2002, 2004) nos auxilia na compreensão de outros aspectos da questão. As formas organizativas de contestação social na contemporaneidade, segundo a autora, tendem a não se preocupar em tornar-se um espaço organizado com identidade única e, sim, criar espaços de articulação e encontro de diferentes organizações, grupos e indivíduos que possuam convergências, mesmo que mínimas, sobre a questão da emancipação social. A prática da ação direta e autônoma sem intermediários institucionais desvinculada das formas tradicionais de participação em partidos políticos, sindicatos etc., a horizontalidade como princípio organizativo não-hierárquico e a autogestão como ideal regulatório da prática, são outros elementos comuns, ou cuja tendência de serem encontrados nesses grupos e movimentos é mais comum (SOUSA, 2002). O caráter anticapitalista delinea uma natureza anti-sistêmica para a contestação social contemporânea juvenil: “O anticapitalismo é outro princípio que orienta a agenda política dos jovens desses grupos ativistas. Consideram que o capitalismo humanizado não conseguirá perder sua face de opressão, alienação e exclusão, e questionam o sistema (...)” (SOUSA, 2002, p.458-459)

Percebemos que muitas dessas características apareceram de certa forma na movimentação praieira: a Praia da Estação se organizou de forma horizontal e em rede, distanciada das formas e instituições tradicionais de participação social como os partidos e sindicatos.

---

<sup>6</sup> Trata-se do *Centre Contemporary of Cultural Studies*, o CCCS, da Universidade de Birmingham.

<sup>7</sup> HALL, S. & JEFFERSON, T. (Orgs.) *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutchinson and Co, CCCS, University of Birmingham, 1993.

Ainda segundo Sousa (2002), a ação que se pretende anticapitalista dos jovens trafega entre as esferas do global e do local: pensam a realidade da mundialização e agem localmente através de diversas iniciativas, como a construção de rádios livres e comunitárias, ocupações de imóveis abandonados, carnavais de protesto, ações culturais e políticas nos espaços públicos das cidades, boicote a produtos e serviços das grandes corporações etc. Essas ações e iniciativas constituem formas não-convencionais e não-institucionais de participação política, ao mesmo tempo que são, elas mesmas, uma ampliação da própria política. A autora define o campo de ampliação da política a partir das ações dos jovens contestadores como de natureza contra-instituinte.

O alargamento do campo político relativo à contestação social juvenil contemporânea coloca questões que estão para além da estreiteza dos pequenos cálculos políticos, da racionalidade estratégica política e das técnicas de administração e poder. Ainda segundo Sousa (2002), as emoções, sentimentos, interesses e protestos constituem a matéria-prima de uma política que recupera seu “valor de uso”. Podemos inferir daí que a questão política colocada nesses termos abarca questões relativas à dimensão das subjetividades dos sujeitos, de suas necessidades, desejos e anseios.

A prática da ação direta como forma de fazer política apareceu de maneira clara na Praia da Estação. A ocupação lúdico/política/festiva da Praça da Estação nos parece ir em direção a idéia de recuperação da política como “valor de uso” apontada no parágrafo anterior.

Já Feixa (2002), analisando a realidade dos movimentos contemporâneos de contestação social na Espanha influenciada diretamente pelas jornadas antiglobalização, chama a atenção para as características do que define como “novíssimos movimentos juvenis”, em contraposição aos conhecidos novos movimentos sociais dos anos 1970 e 1980, e para o desafio conceitual e analítico colocado pela complexidade mesma das sociedades contemporâneas — era digital e período agudo de mundialização — das quais esses movimentos fazem parte.

Assim como Freire Filho (2007, 2008), Feixa percebe, dentre as características desses movimentos, o “retorno” de reivindicações materiais e gerais dos movimentos sociais clássicos em oposição à tendência de agrupamento em torno de construções identitárias presentes nas culturas juvenis dos anos 1970 e 1980. Feixa aponta elementos centrais dessa diferenciação: combinação da parafernália festiva carnavalesca com formas agudas de boicote às grandes corporações capitalistas e superação das fronteiras identitárias (gênero, classe, raça, território e idade) dos movimentos anteriores. A

tendência é que as formas organizativas contemporâneas de contestação social, como os “dias de ação global” por exemplo, escapem às formas organizativas microculturais compactas, estáveis e com fronteiras bem definidas. Nas movimentações contemporâneas de contestação social, as diversas demandas específicas (de gênero, de classe, de raça etc.) parecem, segundo o autor espanhol, confluir para uma dimensão mais ampla, qual seja: o próprio questionamento ético da sociedade em seu conjunto. A imagem com que podemos pensar talvez não seja mais correspondente àquelas das dimensões fechadas das chamadas “tribos urbanas”, cada qual com sua configuração específica e particular, e sim a imagem de redes de movimentos que se inter cruzam subjetiva e objetivamente. Sobre o uso das novas tecnologias da comunicação e informação, Feixa indica que elas também são elementos importantes para caracterizarmos as formas de organização e luta dos movimentos juvenis de contestação social contemporâneos.

## **Conclusão**

Tentamos compreender uma movimentação contemporânea de contestação social feita por jovens pelo estudo da Praia da Estação. Tentamos perceber suas principais características, sua malha constitutiva, sua forma de ser, motivações, contestações e críticas, perceber o que a Praia nos diz e indica acerca de tendências e características das movimentações de jovens de maneira geral.

Organizada e mobilizada em rede através de uma lista de discussão e um blog na Internet — ambos intitulados como “Praça Livre” — podemos constatar que a Praia da Estação apresentou características comuns as novas configurações da contestação social na contemporaneidade e, especialmente, os agenciamentos contestatórios juvenis contemporâneos: formas de organização horizontais e em rede, conformação de redes de solidariedade, domínio da ação direta, carnavalização do protesto e utilização intensa dos recursos simbólicos, emergência das individualidades e/ou das subjetividades individuais no interior das movimentações e agenciamentos, utilização intensa das novas tecnologias da comunicação e informação, distanciamento das instituições e formas tradicionais de protesto, mobilização e participação, distanciamento da institucionalidade, composição interna heterogênea, simbiose entre as dimensões do afeto, desejo, razão e necessidade, entre outras características.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Nos limites deste artigo não foi possível detalhar mais essas características.

Constatamos, a partir do estudo da Praia da Estação, um aspecto fundamental que merece atenção: o de que os movimentos sociais e agenciamentos coletivos não ocorrem de maneira isolada e desvinculados de um contexto histórico e social mais amplo, pelo contrário, as movimentações sociais, os protestos e agenciamentos coletivos apresentam características, formas de ser e conteúdos contestatórios articulados a determinado contexto histórico, social e cultural, apresentando-se como parte de um “metabolismo social” mais amplo.

A partir da Praia da Estação, poderíamos afirmar que a contestação e crítica juvenis sobre os rumos do desenvolvimento e dos destinos da cidade contribuiu de certa forma para que o debate sobre a questão urbana ganhasse uma dimensão mais visível e pública.

Em uma dimensão particular, podemos identificar a Praia da Estação enquanto uma movimentação social que foi produzida através de um amálgama entre as novas tecnologias da comunicação e informação e a ocupação física da Praça da Estação, em Belo Horizonte, amálgama gerador de uma forma híbrida de movimentação que transitou entre o ciberativismo e a ação coletiva em um espaço público da cidade. Entendemos que essa constituição híbrida conformou a Praia da Estação enquanto meio de comunicação alternativo, uma “antena parabólica” que buscou tornar visível de maneira crítica os processos de produção da cidade e a forma de administração da mesma, qual seja: procurando revelar os problemas relativos à questão urbana e ao poder municipal. Eis então que a Praia da Estação, desde suas origens, fez-nos perceber a emergência da questão urbana e, conseqüentemente, do poder municipal enquanto uma das preocupações centrais de uma parcela ativista da juventude de Belo Horizonte. Dentre outras questões, os jovens participantes da referida movimentação nos trouxeram os desejos de qualidade de vida na cidade, do livre usufruto dos espaços públicos, da mobilidade urbana digna e adequada, do livre fruir cultural na cidade (tanto da produção, quanto da recepção da cultura), o desejo de uma cidade ambientalmente saudável em todas as dimensões, da produção de uma cidade em que caibam todos e todas e que permita a existência de um viver digno, a luta contra a cidade-empresa, cidade-mercadoria, cidade do controle, a denúncia das injustiças, a denúncia do impacto dos mega-eventos — como a Copa do Mundo na vida cotidiana das pessoas. Enfim, o direito amplo à cidade.

Tudo expressou, de certa maneira, a emergência do que estamos definindo como novas necessidades urbanas, trazidas especialmente pelas gerações mais jovens. E

ainda: o desejo de participar dos destinos da urbe, das tomadas de decisão, de influir nas questões públicas. Ou seja: o desejo de uma radicalização e aprofundamento da democracia na cidade compôs o rol de questões tornadas visíveis pela Praia da Estação. Um processo educativo sobre a cidade e uma mudança de olhar e de perspectiva sobre a temática urbana fez da Praia da Estação uma grande experiência de aprendizagem para os jovens que dela participaram ou para quem dela tomou conhecimento.

A festa, o lúdico, o êxtase, os encontros e a interação, o ocupar o espaço público, a contestação, a rebeldia, o protesto, a desobediência, a afirmação do poder fazer, dentre outras expressões, conformaram uma trama e compuseram um agenciamento coletivo mosaico, fluido, amorfo, polissêmico de difícil apreensão e conceituação. Os participantes da Praia da Estação trouxeram a tona de maneira crítica, contestatória, poética, desejante e afetiva a questão da cidade, do viver na cidade, do ser e estar na cidade. O que percebemos através dos sujeitos da pesquisa foi o desfilar de múltiplos sentidos, desejos e imaginários urbanos. Através das imagens, vídeos, textos, poesias, corpos políticos, palavras de ordem e composições musicais produzidas pelos jovens ativistas identificamos uma obra aberta sobre a Belo Horizonte contemporânea.

Constatamos também que a movimentação se constituiu enquanto experiência educativa significativa para jovens que participaram dela. A dimensão da experiência e do aprendizado apareceu em todos os depoimentos dos participantes que contribuíram com esse trabalho. Identificamos dois elementos centrais nos discursos dos entrevistados sobre a “experiência e os aprendizados praieiros”: o aprendizado sobre a cidade — ou seja: alargamento da sensibilidade e entendimento da problemática urbana — e o aprendizado da participação, o aprendizado do agir coletivo, do estar junto com outros realizando algo.

### **Referências bibliográficas**

1. BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 140 p.
2. CHASIN, J. Poder e Miséria. *Jornal Estado de Minas*, Caderno Pensar, p.2, 07/10/2002.
3. CHRISPINIANO, José. *A guerrilha surreal*. São Paulo: Conrad, 2002. 155p.
4. COSTA, Márcia Regina. Culturas Juvenis, globalização e localidades. In: COSTA, Márcia Regina; SILVA, Elizabeth Murillo (Orgs.). *Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana*. São Paulo: Educ, 2006. p.11-27.
5. FEIXA, Carlos. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998. 287p.

6. \_\_\_\_\_. *Movimientos juveniles de la globalización: a la antiglobalización*. Barcelona: Ariel, 2002. 171p.
7. \_\_\_\_\_. *Movimientos Juveniles en la Península Ibérica: Graffitis, grifotas, Okupas*. Barcelona: Ariel, 2002. 152p.
8. FREIRE FILHO, João; CABRAL, Ana Julia Cury de Brito. *Contra-hegemonia e resistência juvenil: movimentos mundiais de contestação da ordem neoliberal*. In: COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2007. p.175-193
9. FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. 175p.
10. LEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2002. 349p.
11. LIBERATO, Leo Vinicius Maia. *Expressões Contemporâneas de Rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista*. 269p. Tese (Doutorado em Sociologia Política), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2006.
12. LUDD, Ned. (Org.). *Urgência das Ruas*. São Paulo: Conrad, 2002. 222p.
13. MELUCCI, Alberto. *Acción colectiva, vida cotidiana y Democracia*. Ciudad de México: Centro de Estudios Sociológicos, 1999. 260 p.
14. ORTELLADO, P.; RYOKI, A. *Estamos vencendo: resistência global no Brasil*. São Paulo: Conrad, 2004. 146p.
15. PEDRO, Felipe Corrêa. *A Ação Direta como Forma de Combate à Globalização Neoliberal: o movimento de resistência global e as manifestações de Seattle*. Escola de Pós Graduação em Ciências Sociais da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2004.
16. ROSAS, Ricardo. *Nome, coletivos. Senha, Colaboração*. [2001?]. Riseup. Net - Intervenção. Disponível em [www.riseup.net](http://www.riseup.net). Acesso em 07/04/2009.
17. \_\_\_\_\_. *Blogs e ativismo: Uma política de código aberto?* [2001?]. Riseup.Net – Espaço. Disponível em [www.riseup.net](http://www.riseup.net). Acesso em 07/04/2009.
18. SEOANE, José e TADDEI, Emilio. *Resistências Mundiais: De Seattle a Porto Alegre*. Petrópolis: Vozes, 2001. 293p.
19. SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *Os jovens anticapitalistas e a ressignificação das lutas coletivas*. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v.22, n.02, p.451-470, jul./dez. 2004. Disponível em <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectivas.html>. Acesso em maio de 2009.

20. \_\_\_\_\_. As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído. *Revista Cadernos de Pesquisa* (PPGSP/UFSC?), n.32, p.1-33, 2002.
21. \_\_\_\_\_. *Reinvenções da Utopia: A militância política de jovens nos 90*. São Paulo: Hacker Editores, 1999. 231p.